

ARTIGOS

CONDICIONALISMO SÓCIO-CULTURAL DAS ORIGENS DO MOVIMENTO UNIVERSITÁRIO EUROPEU: A SINGULARIDADE DO CASO PORTUGUÊS (II).

(*Continuação*).

ALDO JANOTTI

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

C). — AS CONDIÇÕES CULTURAIS.

Sendo as Universidades instituições de cultura, o nascimento das mesmas, evidentemente, deve estar relacionado com as condições culturais do ambiente em que elas surgiram. Aliás, Gustave Cohen chega mesmo a afirmar que

“é à difusão da ciência greco-árabe, isto é, das obras de Aristóteles, e ao estudo do direito romano que se pode atribuir a constituição das verdadeiras Universidades” (169).

Vejamos essas condições, analisando as transformações pelas quais passou a Europa Ocidental, no campo da cultura, perfeitamente adequadas àquelas que já tivemos oportunidade de estudar no campo do social.

As condições culturais às quais a origem do movimento universitário europeu está ligada se enquadram nas transformações que caracterizaram o chamado Renascimento cultural do século XII. Esse movimento teria sido um reflexo, no campo da cultura, das correspondentes transformações que se operaram no campo social, ou seja o renascimento urbano: evidenciar-se-ia assim, mais uma vez, a solidariedade do cultural com o social — já referida — e da qual surgiram as Universidades medievais. Compreender-se-á melhor a significação histórica das transformações culturais do século XII — época em

(169). — Pirenne, Cohen, Focillon, *op. cit.*, p. 255.

que, no campo da cultura, o temperamento medieval, claramente, se esboça, a ponto de constituir, juntamente com o século XIII, o coração da Idade Média (170) — se estudarmos os destinos da cultura da Europa Ocidental anteriormente ao Renascimento daquele século.

O período que se estendeu desde as invasões germânicas até o século XI, costuma ser considerado, sobretudo pelos historiadores ingleses, como uma idade de trevas: idade de violência, de confusão e de geral ignorância, quebrada, esta, apenas pela pálida luz de alguns letrados isolados que conservaram uns poucos remanescentes da antiga cultura secular e da teologia patrística (171). Uma rápida vista d'olhos sobre o panorama da cultura da Europa Ocidental será suficiente para provarmos tal afirmativa. A Gália jazia numa decadência intelectual inquietante (172): de há muito que tinham desaparecido as escolas públicas da época romana, substituídas por pobres escolas eclesiásticas, destinadas à formação do clero, mas cujo desenvolvimento, sempre, foi entravado pelas crises políticas do Estado franco; a leitura e a escritura, completamente ignoradas pelos láicos, transformaram-se num luxo a que muitos clérigos e mesmo alguns bispos não podiam permitir-se; desapareceu toda preocupação de cultura geral, o latim atingiu a um grau espantoso de corrupção e o livro se transformou num objeto quase que inexistente (173). Os contemporâneos tinham nítida impressão de uma decadência (174), parecendo mesmo que os homens dessa época não eram capazes de tirar alguma coisa de si próprios e que não tinham nada a dizer (175). Na Espanha, desde o século VI, sua poderosa Igreja tinha se preocupado em criar um novo tipo de ensino, em condições de substituir aquele proporcionado pelas antigas escolas romanas que, juntamente com a romanidade, foram abatidas pela ocupação germânica (176). A

(170). — De Wulf, *Histoire de la philosophie médiévale*, Louvain, Institut Supérieur de Philosophie, 1934, v. I, p. 30.

(171). — Rashdall, *The Medieval Universities*, in "Cambridge Medieval History", v. VI, p. 559.

(172). — Halphen, *Les Barbares*, Paris, Presses Universitaires de France, 1940, 4a. ed., p. 269.

(173). — *Idem, ibidem.*, p. 270.

(174). — Assim se lamuriava Gregório de Tours no prefácio da sua *Historia Francorum*: "Malheur à notre temps parce que l'étude des lettres périt parmi nous et que nul n'est capable de consigner par écrit les faits du présent"; um século após Gregório de Tours, o cronista Fredegário no prólogo do seu livro IV também repetia o mesmo lamento: "Voici que le monde se fait vieux et le tranchant de la sagesse s'émousse; nul homme de ce temps n'est égal aux orateurs des temps passés et n'ose y prétendre." (apud Ferdinand Lot, *La Fin du Monde Antique et le début du Moyen Âge*, Paris, Éditions Albin Michel, 1951, p. 428).

(175). — Lot, *op. cit.*, p. 429.

(176). — Marrou, *op. cit.*, p. 454.

obra de Isidoro de Sevilha (falecido em 636), que hoje nos desconcerta

“pela sua desoladora mediocridade” (177),

foi uma tentativa desesperada no sentido de guardar o máximo que fôsse possível da cultura clássica. Foi bem sucedido Isidoro, pois êle conseguiu elaborar a primeira grande enciclopédia da Idade Média que condensava o saber antigo, conforme as intenções dos cristãos, colocando-o a serviço das suas crenças (178). Mas, a anarquia política tão característica da monarquia visigótica e a invasão árabe não permitiram à Espanha conservar

“êsse papel de iniciadora que ela parecia ter assegurado nos meados do século VII” (179).

No entanto, em duas regiões, Itália e Irlanda, a cultura antiga não desapareceu de todo. Na Itália, em função dos numerosos monumentos que cobriam o seu solo e dos manuscritos que abarrotavam as suas bibliotecas, a Antiguidade não tinha deixado de estar presente em todos os espíritos (180), e foi nesse país, sobretudo,

“que a escola antiga viu o seu crepúsculo prolongar-se e pôde preparar, inconscientemente, o caminho para o futuro” (181).

No aspecto cultural, a invasão germânica da Itália proporcionou resultados diferentes daqueles registrados em outras regiões do Império: ao invés de ter no invasor um fator de obstáculo, para a cultura antiga — que a Itália, permanente ponte para o passado, zelosamente guardava — essa encontrou, no iletrado Teodorico, um indivíduo que soube compreender a sua grandeza (182). Favoreceu-a, oferecendo no fim do século V e comêço do VI

“o espetáculo verdadeiramente estranho e paradoxal dos esforços desesperados, feitos por um conquistador bárbaro para salvaguardar da melhor maneira o patrimônio da antiga Roma” (183).

No seu tempo, as letras e o pensamento clássicos conheceram uma renascença: dela a Idade Média saberá explorar os frutos, graças aos seus dois grandes elaboradores que foram Boécio e Cassio-

(177). — Halphen, *op. cit.*, p. 271.

(178). — *Idem, ibidem*, p. 271.

(179). — *Idem, ibidem*, p. 271.

(180). — *Idem, ibidem*, p. 270.

(181). — Marrou, *op. cit.*, p. 455.

(182). — *Idem, ibidem*, p. 456.

(183). — Halphen, *op. cit.*, p. 79.

doro (184). Nem mesmo a invasão lombarda da segunda metade do século VI rompeu as ligações da Itália com a cultura do passado. E' bem verdade que sobre ela se estendeu a barbárie e, desde o fim do século VI até o fim do VII, seu nível cultural baixou quase a — um nível merovíngio: deu-se um rompimento com a tradição clássica, cuja educação foi substituída pela subsistente educação religiosa que se tornou então dominante (185). Todavia, nessa passagem da Itália antiga para a Itália medieval e por mais atroz que tivesse sido a barbárie lombarda não se deu a completa interrupção da tradição letrada. Além disso, os lombardos não dominaram tôda a península; escapou-lhes Nápoles, Salerno, o extremo-sul e Roma, regiões que nunca foram, verdadeiramente, barbarizadas e onde se podia observar alguma coisa da continuidade bizantina (186). Ao cabo de um século a situação se estabiliza e os próprios lombardos, resultado do fato de se terem deixado conquistar pela superioridade da cultura do povo com o qual entraram em contacto, procuraram

“renovar com a tradição letrada deixada por Teodorico” (187).

Esboça-se já uma renascença lombarda, cujo foco é Pavia. Seu principal vulto foi o poeta e historiador Paulo Diácono, discípulo do gramático Flaviano. Dessa forma, a Itália retomou o seu destino de ponte intermediária com o passado e que tanta importância teve na evolução da sua própria história, como também da história da humanidade. Embora decadente, continuou a viver a cultura clássica na Itália. E não poderia ser de outro modo: como seria possível nessa terra clássica deixar-se de

“respirar o perfume embriagador no qual se enebriaram os Antigos?” (188).

A Irlanda — que permaneceu fora do Império e que, portanto, não conheceu a cultura clássica (189) — foi convertida ao Cristianismo no século V e assim, fato capital, acabou se transformando na última hora do mundo antigo num asilo para a sua cultura (190). Seus monges, com menos reserva que os cristãos do continente, não apenas se dedicaram a estudos de caráter científico, como também se abandonaram aos encantos da literatura latina (191). Nas suas

(184). — Marrou, *op. cit.*, p. 456.

(185). — *Idem, ibidem*, p. 457.

(186). — *Idem, ibidem*, p. 459.

(187). — *Idem, ibidem*, p. 459.

(188). — Halphen, *op. cit.*, p. 271.

(189). — Marrou, *op. cit.*, p. 452.

(190). — Lot, *op. cit.*, p. 431.

(191). — Halphen, *op. cit.*, p. 271-272.

escolas o ensino romano das humanidades teve conservada a sua antiga estrutura, mas com uma adição capital; acrescentou-se a êle a teologia,

“que será para o futuro, como o coroamento e a razão de ser dêsses sete outros ramos do saber, ou “artes liberais”, entre os quais os romanos tinham repartido os estudos” (192).

Mas a importância da Irlanda não residiu no fato de ter sido apenas o repositório da cultura clássica e, talvez, muito mais porque, tendo se tornado missionários os seus monges, ela foi exportada, saindo da “ilha dos Santos”, onde progressivamente se afirmou e se enriqueceu, para irradiar-se e, pouco a pouco, fecundar o Ocidente (193). Efetivamente: desde o século VI ela começou a se difundir na Escócia e na Inglaterra, colonizando-as ao mesmo tempo que os seus monges realizavam a sua conversão. O sucesso da obra cultural dos monges irlandeses pode ser facilmente comprovado pelas transformações que se operaram no ambiente cultural anglo-saxão: surgiram na Inglaterra grandes escolas, como, por exemplo, de Canterbury no Kent, de Malmesbury no Wessex, de Jarrow no Northumberland, que estariam em condições de, vantajosamente, suportar comparação com os seus protótipos irlandeses (194); e surgiram mestres do porte de Aldhelm — professor em Malmesbury de 675 a 705 — e sobretudo de Beda, graças ao qual a escola de Jarrow se tornou no início do século VIII a primeira escola do mundo (195), e de São Bonifácio, reformador da Igreja franca e o mais ilustre portador da cultura que agora, pouco a pouco, se difundia em direção do sul, isto é, do continente, a fim de

“reedificar as ruínas acumuladas pelas invasões germânicas” (196).

Prepara-se o Renascimento carolíngio.

O chamado Renascimento carolíngio se constituiu numa tentativa realizada por Carlos Magno, visando acabar com uma situação paradoxal em que a Gália se encontrava. Se aceitarmos a famosa tese de Pirenne (197), observaremos que, após a expansão do islamismo, se deu um verdadeiro rompimento da antiga unidade do Mediterrâneo o qual foi acompanhado por um deslocamento da hegemo-

(192). — *Idem, ibidem*, p. 272.

(193). — Marrou, *op. cit.*, p. 452.

(194). — Halphen, *op. cit.*, p. 272.

(195). — *Idem, ibidem*, p. 272.

(196). — Marrou, *op. cit.*, p. 452.

(197). — Cf. sobretudo *Mahomet et Charlemagne*.

nia, que êsse mar sempre deteve, para as regiões continentais do norte da Europa. No aspecto político, o referido deslocamento se revestiu de uma característica incontestável: o eixo político da Europa reside, com os carolíngios, na Gália e as intervenções que os homens do continente — como, por exemplo, Pepino, o Breve e Carlos Magno — realizaram na Itália, no Mediterrâneo, portanto, se constituíram num atestado de que, realmente, se processou o referido deslocamento. Não era mais o Mediterrâneo quem comandava os destinos políticos da Europa continental e sim esta, representada pela Gália, que fazia com que o Mediterrâneo girasse em torno da órbita das suas vicissitudes políticas. Pois bem, o paradoxo da situação gaulesa residia, precisamente, no fato de que a Gália era o centro político da Europa, mas não o seu centro cultural. O esforço de Carlos Magno visaria acabar com aquela situação paradoxal, adequando as condições culturais às novas condições políticas do seu país. Seria êsse, pelo menos na nossa opinião, o verdadeiro sentido do Renascimento carolíngio.

Mas a tarefa do monarca se apresentava difícil. Deveria êle praticamente partir do nada, visto que na Gália, não havendo a cultura, muito menos havia as condições para a reabilitação da mesma. As confiscações dos bens da Igreja, ordenadas por Carlos Martelo,

“a instalação violenta nas sedes episcopais e monásticas de guerreiros cúpidos, brutais e ignaros extinguem os últimos e fracos vislumbres da cultura antiga” (198).

Não aparecera ainda Carlos Magno e a noite já tinha caído sobre a Gália (199). Compreende-se, assim, porque, quando êle pretendeu reanimar o conhecimento das letras precisou apelar para o mundo exterior, isto é, Itália, Espanha, Inglaterra e Irlanda (200). O apêlo de Carlos Magno para o mundo exterior simboliza, muito claramente, a dificuldade do monarca: havia a necessidade da reabilitação da cultura e, ao mesmo tempo, havia a impossibilidade de, com os próprios meios, realizá-la. Eis porque foi da confluência das contribuições do mundo italiano e do mundo anglo-saxão que se originou a renascença carolíngia (201).

Contribuição externa dupla, mas a necessidade de reabilitar a cultura — chamêmo-la de necessidade interna — também era dupla. Religiosa e política, isto é, eclesiástica e láica. A própria natureza do cargo de Carlos Magno, como monarca franco, nos dá os elemen-

(198). — Lot, *op. cit.*, p. 439.

(199). — *Idem, ibidem*, p. 439.

(200). — *Idem, ibidem*, p. 437.

tos para a compreensão dessa dupla necessidade. Carlos Magno foi um rei-sacerdote — ou talvez mais precisamente um sacerdote-rei: monarca ungido (e isso era uma das conseqüências da união da Igreja com o Estado, celebrada em 752 pelo Papa Estevão II e por Pepino, o Breve), cuja pessoa, bem como dos seus descendentes era objeto da escôlha divina,

“efetivamente recebeu de Deus missão pessoal de reinar sobre o povo franco e de trabalhar apoiando-se nêle, para o triunfo da religião de Cristo” (202).

Resulta daí que o monarca precisava, ao mesmo tempo, preocupar-se com as condições religiosas e com as condições políticas do seu Estado (203). Foi

“como chefe religioso do Estado franco que êle toma em mãos a causa da reforma intelectual” (204),

pois desejava Carlos Magno uma reforma do clero séria e duradoura. Essa reforma se fazia necessária em razão da ignorância dos padres e que êle, ignorante também, mas, sinceramente, impregnado de um

(201). — Marrou, *op. cit.*, p. 437. E' dêsse mesmo autor, *op. cit.*, p. 461, a seguinte e importantíssima passagem: “... la rencontre, à la cour de Charlemagne, de l'Anglais Alcuin et du Lombard Paul Diacre (et, avec le premier, des *Scoti* Clément, Joseph, Dungal; avec le second, de Pierre de Pise, Paulin d'Aquilée) assumé à cet égard la valeur d'un symbole.

De là découle un des traits dominants de la chrétienté médiévale, disons mieux de toute la civilisation occidentale: si originale qu'elle soit par son inspiration première, si étrangère qu'elle se veuille ou qu'elle se juge à l'esprit de l'humanisme antique, elle n'est pourtant pas radicalement hétérogène à celui-ci. Elle ne représente pas, dans l'histoire des civilisations, un recommencement absolu, un nouveau départ à zéro. Elle a été, dès son origine, et si continuellement, par la suite, alimentée par ses sources antiques qu'elle nous apparaît, avant tout, comme une Renaissance. Ainsi s'est nouée, par-delà la coupure barbare, une certaine continuité, dans la matière sinon dans la forme, qui fait de l'homme occidental un héritier des Classiques”.

(202). — Halphen, *Charlemagne et l'Empire Carolingien*, Paris, Éditions Albin Michel, 1949, p. 37.

(203). — E' fundamental a caracterização dêsse nôvo tipo de ideal de rei que surge na Idade Média, para empregarmos a expressão de Pirenne (*Histoire de l'Europe*, p. 45). E' ela quem nos habilita a compreender: a discontinuidade flagrante que existiu entre o comportamento de Carlos Martel e o dos carolíngios a partir do momento em que, monarcas de fato, se tornaram, graças à Igreja, monarcas de direito; a continuidade, ou melhor dizendo, semelhança que existiu entre os reinados de Pepino, o Breve e Carlos Magno, a ponto de Pirenne negar originalidade ao dêsse último (*op. cit.*, p. 46); e, finalmente, ainda o próprio Renascimento carolíngio.

(204). — Halphen, *Les Barbares — Des grandes invasions aux conquêtes turques du XI^e siècle*, Paris, Presses Universitaires de France, 4a. ed., 1940, p. 274.

profundo sentimento religioso, não poderia compreender e muito menos admitir: numa capitular de 769 perguntava Carlos Magno como

“os ignorantes poderiam fazer conhecer e pregar aos outros a lei de Deus?”,

e como, sem se possuir de uma maneira segura o sentido das palavras latinas penetrar

“nos mistérios das sagradas Escrituras”? (205).

Apareciam assim as escolas, para a formação dos futuros padres: ordenou o monarca que em tôdas as dioceses fôsem criados dois tipos de escolas, paroquiais (elementares) e catedrais e abaciais (superiores). Importaram-se os mestres, sobretudo da Inglaterra, e entre êles Alcuino, a personalidade mais importante do Renascimento carolíngio. Satisfazia-se dessa forma a necessidade religiosa e, nesse aspecto, a renascença carolíngia se assemelhou ao movimento de estudos de que a Grã-Bretanha foi o palco (206). Mas havia também uma necessidade política — chamemo-la de láica, no sentido de que ela não se referia exclusivamente à Igreja: a administração do Estado carolíngio, por mais simples e grosseiro que fôsse o seu mecanismo, como realmente era, carecia de um funcionalismo que possuísse um mínimo de cultura (207). Foi por isso que, após a sua expedição à Itália onde entrou em contacto direto com um mundo ainda povoado de reminiscências antigas, Carlos Magno ordenou que fôsem

(205). — Apud Halphen, *op. cit.*, p. 275.

(206). — Halphen, *op. cit.*, p. 277.

(207). — “On surprind chez lui, et très visiblement, l'idée de faire pénétrer l'instruction parmi les fonctionnaires laïques en les mettant à l'école de l'Eglise ou, pour mieux dire, en les faisant élever dans les écoles de l'Eglise. De même que les Mérovingiens avaient cherché à calquer leur administration sur l'administration romaine, il a voulu imiter, dans la mesure du possible, pour la formation des agents de l'État, les méthodes employées par l'Eglise pour la formation du clergé. Son idéal a été, sans nul doute, d'organiser l'Empire sur le modèle de l'Eglise, c'est-à-dire de le pourvoir d'un personnel d'hommes instruits, dressés de la même façon, se servant entre eux et avec le souverains de la langue latine qui, de l'Elbe aux Pyrénées, servirait de langue administrative comme elle était déjà langue religieuse. Il était impossible que son génie pratique ne se rendît pas compte de l'impossibilité de maintenir l'unité d'administration de son immense empire où se parlaient tant de dialectes, au moyen de fonctionnaires illettrés et, par cela même, ne connaissant chacun que la langue de sa province. L'inconvénient n'eût pas existé dans un État national où la langue vulgaire eût pu devenir, comme elle l'était dans les petits royaumes anglo-saxons, la langue de l'État. Mais dans cette bigarrure de peuples qu'était l'Empire, l'organisation politique devait revêtir le même caractère universel que l'organisation religieuse, et se superposer également à tous les sujets, de même que celle-ci embrassait également tous les croyants. L'alliance intime de l'Eglise et de l'État achevait, au surplus, de recommander le latin comme langue de l'administration laïque. A quelque point de vue que l'on se place, il apparaît

instituídos cursos elementares, destinados a uma clientela mais vasta, ao povo mesmo (208), isto é, aos láicos. E nesse aspecto, o Renascimento carolíngio se diferenciou do movimento anglo-saxão, completando-o, pois não ficou por muito tempo apenas confinado na Igreja (209). Finalmente, simbolizando essa dupla preocupação de Carlos Magno, surgiu um tipo específico de escola, a Escola do Palácio que, funcionando como centro do sistema educacional carolíngio (210), processava a simbiose do religioso com o político, pois ela se incumbia, dentre os que freqüentavam a côrte do imperador, de formar o futuro padre e o futuro administrador.

Dois etapas podem ser observadas no Renascimento carolíngio. A primeira corresponde ao reinado de Carlos Magno e é representada pelos primeiros expoentes que deram início ao movimento de recuperação da cultura. Foi uma etapa caracterizada por um esforço intelectual desprovido de originalidade e que se contentava com reproduzir, plagiando os modelos, num entusiasmo juvenil (211). Seus principais vultos foram: Alcuino, exegeta e teólogo de segunda ordem, poeta medíocre, e que apenas deixou modestíssimas contribuições, para o estudo das sete artes liberais (212); Pedro de Pisa, que foi um gramático com quem os alunos — inclusive Carlos Magno — pouco tinham que aprender (213); o gramático Clemente de Irlanda, que não superava a Pedro de Pisa (214); Eginhardo, o historiador que, quando após a morte de Carlos Magno escreveu o seu panegírico, não teve dúvidas de plagiar, fielmente, a *Vida de Augusto* de Suetônio (215). E assim por diante. A segunda etapa foi aquela que se seguiu à morte de Carlos Magno: diferentemente da primeira, foi uma época de maior maturidade espiritual, uma idade de reflexão e concentração (216). Rabano Mauro, Gottschalk e João Erígena constituíram os representantes mais qualificados de um progresso espiritual.

évident qu'il ne pouvait avoir, en dehors de lui, nulle administration écrite. Le besoin de l'État l'imposait; il devient, et il devait rester durante des siècles, la langue de la politique et des affaires, comme celle de la science". (Pirenne, *Histoire de l'Europe*, p. 55-56).

(208). — Halphen, *op. cit.*, p. 277.

(209). — *Idem, ibidem*, p. 277.

(210). — Rashdall, *The Universities of Europe in the Middle Ages*, v. I, p. 28.

(211). — Halphen, *op. cit.*, p. 279.

(212). — Gilson, *La Filosofía en la Edad Media — Desde los orígenes patristicos hasta el fin del siglo XIV*, Madri, Biblioteca Hispanica de Filosofia, 1958, v. I, 239; cf. ainda p. 245.

(213). — *Idem, ibidem*, I, p. 237.

(214). — *Idem, ibidem*, I, p. 238.

(215). — Halphen, *op. cit.*, p. 278-279.

(216). — *Idem, ibidem*, p. 279.

Esse progresso que se operou na transposição de uma etapa para outra talvez desse melhores frutos ainda, caso houvesse um longo período de paz e de prosperidade (217). Isto no entanto não se deu. Sacudido pelas guerras intestinas nas quais se empenharam Luís, o Piedoso e seus filhos a fim de resolverem o difícil problema da sucessão imperial e que lhe trouxeram a confusão política, e devastado pelos invasores do norte, os normandos e pelos invasores do sul, os árabes, o império carolíngio teve duração efêmera. Ressentiu-se a cultura com a perda das condições que a favoreciam. O possível progresso acabou se transformando num evidente retrocesso e pouco faltou para que a civilização renascida desaparecesse mais uma vez. Entra a Idade Média da Europa Ocidental, naquilo que se costuma chamar de *Idade beneditina* — de Carlos Magno até o século XI — e que

“foi a idade, e a única idade, durante a qual a educação europeia esteve, sobretudo, nas mãos dos monges” (218).

Corresponde essa Idade beneditina àquela época, que já tivemos oportunidade de estudar, caracterizada pela economia agrária de tipo domínial, e socialmente representada pelo senhor feudal.

Através da chamada Idade beneditina é que se compreende a importância da contribuição carolíngia para as coisas da cultura. Devido a Carlos Magno e seu pequeno grupo, nunca mais cairá a Europa numa escuridão intelectual tão profunda como a que envolveu a época merovíngia, pois o conhecimento possuído por Alcuino nunca foi permitido morrer completamente; pelo contrário, foi êle transmitido de geração em geração qual sementes de uma nova ordem de coisas, cujos primeiros frutos serão colhidos a partir dos inícios do século XI (219). Além disso, passa a existir na Europa uma comunidade de civilização da qual o império carolíngio é o símbolo e o instrumento, comunidade essa que subsiste, apesar de desaparecer a unidade política do mesmo: pois bem, a cultura que caracterizou aquela chamada Idade beneditina até o Renascimento do século XII — e que, no dizer de Pirenne, foi um verdadeiro renascimento — será marcada, e assim permanecerá, pelo cunho carolíngio (220).

(217). — *Idem, ibidem*, p. 282.

(218). — Rashdall, *op. cit.*, I, p. 26.

(219). — *Idem, ibidem*, I, p. 30.

(220). — *Mahomet et Charlemagne*, p. 259. Julgamos oportuno transcrever as palavras escritas por Alfred von Martin na sua penetrante obra *Sociologia de la Cultura Medieval*, Madri, Instituto de Estudios Políticos, 1954, p. 41-42: “Por lo que respecta a la génesis de la comunidad occidental, hay que tener muy presente ante todo la significación del imperio franco. Fué la concepción política de Europa, de Carlomagno, lo que dió impulso a la orientación europea de la

Finalmente, outra importantíssima contribuição do Renascimento carolíngio: assim como no aspecto político a obra de Carlos Magno foi marcada por uma preocupação de ressuscitar o passado romano, a qual foi plenamente realizada com o nascimento, ou talvez melhor dizendo, renascimento do Império no ano de 800, no aspecto cultural também se evidenciou

“a necessidade de retomar contacto com o passado” (221);

dessa forma, o Renascimento carolíngio teve um caráter nítido de humanismo, pois êle foi uma volta aos autores latinos. Pois bem, foi, essencialmente, graças ao Renascimento carolíngio que os autores clássicos latinos foram salvos para a Europa, e na proporção que hoje êles são conhecidos (222). Quando, a partir da segunda metade do século XI, o culto literário da Antigüidade conhecer uma verdadeira recrudescência (223), estaremos então nos encaminhando para um novo renascimento da cultura, o Renascimento do século XII. Dêsse Renascimento do século XII as Universidades medievais foram o produto (224).

* *
*

O século XII, sob muitos aspectos, conforme afirma Rashdall (225), se constituiu na época da mais brilhante atividade intelectual qua a Idade Média conheceu. Foi um momento em que

“nunca, sem dúvida, geração humana se achou tão súbitamente de posse de um tal pêso de ciência, de pensamento, de cultura” (226).

Iglesia (es decir, la movió a salirse del limitado ámbito mediterráneo-cisalpino y abandonar el Este). Y fué la expansión de la Iglesia unitaria sobre las iglesias territoriales germánicas, llevada a cabo por Carlomagno como parte de sua política europea, la que dió a la Iglesia el papel de unificadora de la cultura. Vistas las cosas desde el ángulo histórico-genético, no fué, pues, la Iglesia (que en un principio se contrapuso a las distintas agrupaciones como comunidad superior), sino más bien el imperio franco, quien por vez primera llevó a cabo en la Europa extramediterránea y transalpina una política consciente de señorío integrador, a cuyo servicio puso luego la Iglesia unitaria. De esta suerte la constitución militar y judicial del imperio franco desempeñó, genéticamente, un importante papel, junto a la Iglesia y antes que ella, como factor propulsor de la unidad europea”.

(221). — W. H. V. Reade, *Philosophy in the Middle Ages*, in “Cambridge Medieval History, v. V., p. 784.

(222). — Nordström, *Moyen Age et Renaissance*, Paris, Librairie Stock, 1933, p. 57.

(223). — *Idem, ibidem*, p. 57.

(224). — Rashdall, *The Medieval Universities*, in *Cambridge Medieval History*, v. VI, p. 559.

(225). — *Idem, ibidem*, p. 559.

(226). — Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 169.

Com intensíssima fermentação intelectual (227), o século XII — examinado no conjunto o seu movimento intelectual — se apresenta, não apenas como a maturação no Ocidente, sobretudo na França, da cultura patrística latina que a Idade Média recebeu do Baixo Império romano, como também a preparação de uma idade nova na história do pensamento cristão (228).

A êsse movimento intelectual do século XII, importante tanto pelo brilho, quanto pela densidade do seu patrimônio cultural, costuma-se dar o nome de Renascimento. Mas, Renascimento em que sentido? No sentido em que, se para aquela época se pode falar de revolução sócio-econômica — renascimento do comércio, das cidades, da economia monetária, da burguesia, emancipação das classes rurais, etc. —, não seria exagerado falar-se também de revolução intelectual para caracterizar a rápida mudança que se operou nos espíritos (229). Realmente, o espírito de curiosidade, o revigoreamento da língua latina, o renovamento do interesse pela Antiguidade clássica, a atração pelo grego e outras línguas, o renascimento do direito romano e da ciência médica, o interesse pelas ciências da natureza, a sistematização da filosofia e da teologia, a fundação das universidades, o desenvolvimento das línguas e literaturas nacionais (230) contribuíram para que, na esfera intelectual, em torno do ano 1100, se assistisse ao comêço

“de uma nova era na história da Europa ocidental” (231).

O Renascimento do século XII, a exemplo do que se passou com o Renascimento carolíngio e com o Renascimento do século XV — ou o Renascimento, propriamente dito — tinha o seu culto: o culto da Antiguidade. Três renascimentos, ou mais exatamente, um renascimento em três etapas (232), realizando cada qual o seu esforço comum, visando recuperar o mais que fôsse possível do capital da

(227). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 425.

(228). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 419-420.

(229). — Halphen, *L'Essor de l'Europe*, p. 100.

(230). — Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 9-10.

(231). — L. J. Paetow, *A Guide to the study of medieval history*, Nova York, Mediaeval Academy of America, 1931, p. 221. O historiador sueco Nordström, *op. cit.*, p. 52, também se pronuncia da mesma maneira: “L'ère qui s'étend de la seconde moitié du XIIe siècle au début du XIIIe jette un rayon de splendeur printanière dans l'histoire de la culture occidentale. Une vague puissante de forces jeunes et créatrices déferle sur l'Occident, créant une grande abondance d'expressions pour la pensée et le sentiment, riche de contradictions et de conflits d'où sortira l'Europe nouvelle”.

(232). — Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 144. Paetow refere-se aos três renascimentos como tendo sido “Três grandes vagas de uma mesma maré contínua”, (*op. cit.*, p. 376, apud Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 140).

Antigüidade clássica. No caso do Renascimento do século XII, a preocupação em ressuscitar o passado foi de tal ordem — tanto no que diz respeito à assimilação das formas, quanto no que se refere à concepção do mundo e às doutrinas filosóficas da Antigüidade (233) — que ela não pôde deixar de ressentir-se de um caráter imitativo (234). As seguintes palavras de Pedro de Blois, letrado e jurista que em 1153 era arquidiácono do arcebispo de Canterbury, dão bem uma idéia desse caráter de imitação:

“Malgrado os latidos dos cães e os grunhidos dos porcos, eu não cessarei de imitar os escritos dos antigos; eles serão minha ocupação e, tanto quanto minhas fôrças o permitirem, o sol jamais me encontrará ocioso. Nós somos como anões, montados sobre os ombros dos gigantes, por seu favor nossa vista alcança mais longe do que a deles, quando apegando-nos às obras dos antigos, restituímos à vida os seus mais elegantes pensamentos, que o tempo ou a negligência dos homens tinham deixado morrer” (235).

Todavia, não se deve acreditar que o apêgo imitativo da Antigüidade se deu de uma maneira completamente inconsciente. Não, pois os homens do século XII

“sentiram muito bem a picada dessa curiosidade intelectual, dessa vaidade literária, dessa sedução estética, e eles nisso se deliciaram” (236).

(233). — Nordström, *op. cit.*, p. 72.

(234). — “Un trait va donc s'imposer d'emblée à notre investigation, caractérisant cette littérature, cette science juridique, cette philosophie: fruits d'une renaissance, elles relèveront d'abord de l'imitation. Elles ne seront pas d'abord le résultat d'une rencontre toute fraîche de l'imagination avec les choses, la conclusion de l'analyse d'un donné social et politique contemporain, l'expression d'un regard tout neuf de l'esprit sur le réel et sur son ontologie: l'homme va alors à la rencontre des choses muni d'un capital reçu, qui décuple sa puissance et assure sa perspicacité, mais qui reste un capital reçu, et reçu par les livres. Renaissance dit éveil, ardeur, ivresse: mais aussi recours au modèle déjà fait, lumière empruntée, bref: imitation”. (Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 145).

(235). — *Epist.* 92; *P. L.*, 207, 290, apud Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 175. O mesmo Pedro de Blois, numa outra passagem, mais uma vez demonstrava o seu apêgo aos escritores antigos: “S'il y a quelque ouvrage païen qui me plaise, je puis bien le prendre pour moi, afin qu'il en naisse dans la foi, des fils spirituels... Vous m'accusez, parce que, dans les conseils que j'ai donnés quelque fois à Bologne sur la demande de mes collègues, j'ai prononcé des paroles qui sentaient le droit civil; or le droit civil est chose sainte et belle, et approuvée par les constitutions sacrées”. (*Patrologia Latina*, Migne, t. CCVII, p. 23-a, apud Bréhier, *La Philosophie du Moyen Age*, Paris, Éditions Albin Michel, 1949, p. 195).

(236). — Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 179.

Realmente, Guibert de Nogent confessava ter deixado sua alma “mergulhar” em Ovídio, ou em Virgílio, além de toda medida (237); o poeta Estêvão de Tournai exprimia o seu remorso por haver gasto, tanto tempo, com os frívolos artifícios da poesia (238); Abelardo reconhecia que

“muitos se entregam bastante assiduamente ao estudo dos poetas profanos: vão os doutôres da Igreja acolher na cidade de Deus aqueles que Platão expulsava da cidade terrestre?” (239).

Finalmente, apesar do seu caráter imitativo, não é menos certo que o Renascimento do século XII,

“época tão fecunda, tão diversa e que tão diligentemente prepara o grande século da escolástica, possui também a sua originalidade” (240):

menos potente e menos sistemático do que o século XIII, tem, no entanto, o século XII elegância, graça e desenvoltura, na aceitação da vida, que não caracterizam a época seguinte, mais pedante e formalista (241); seus homens foram mais sensíveis às belezas da civilização greco-latina do que os contemporâneos de São Tomás Aquino, encontrando-se assim o século XII, mais próximo dos séculos XV e XVI do que do século XIII (242); e,

“esta época de fermentação intelectual tão intensa, que presenciou o extraordinário desenvolvimento dos Cantares de gesta, a ornamentação escultórica das abadias cluniacenses ou borguinhas, a construção das primeiras abóbadas góticas, o florescimento das escolas e o triunfo da dialética, é uma época de humanismo religioso. Durante o século XIII, este refinado gosto pela cultura literária, este amor da forma pela própria forma, que já anunciam o humanismo do Renascimento, encontrar-se-ão, senão afogados, pelo menos reprimidos pelo extraordinário apogeu dos estudos puramente filosóficos. Dêsse ponto de vista, o século XIII é, de certo modo, mais convencionalmente medieval do que o XII, e corresponde melhor à repre-

(237). — “Interea cum versificandi studio ultra omnem modum meum animi immersissem, ita ut universae divinae paginae seria pro tam ridicula vanitate seponerem, ad hoc ipsum duce mea levitate jam veneram ut Ovidiana et Bucolicorum dicta praesumerem, et lepores amatorios in specierum distributionibus, epistolisque nexilibus affectarem...” (*De vita sua*, lib I, c. 17; *P. L.*, 156, 872 D, apud Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 179 in nota).

(238). — Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 179.

(239). — *Idem, ibidem*, p. 179.

(240). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 422.

(241). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 422.

(242). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 422.

sentação tradicional e quase popular que habitualmente se tem da Idade Média” (243).

Dada a idéia do que foi o Renascimento do século XII, vejamos as condições que o possibilitaram. Deve-se levar em conta, antes de mais nada, aquilo que Rashdall chamou de causas pré-existentes do Renascimento (244): a conversão dos piratas escandinavos em normandos cristãos e civilizados (245); a criação por Oto I de um clima favorável ao desenvolvimento da civilização na Alemanha, bem como, a regeneração do papado pelos Otônidas; o começo do desenvolvimento na Itália da vida cívica, relacionado com a necessidade de fortificar as cidades contra as incursões dos sarracenos e dos húngaros. Tôdas essas causas contribuíram para que, no fim do século X, se desse a restauração da ordem política, da disciplina eclesiástica e da tranqüilidade social e que se constituíram

“nas mais indispensáveis condições da atividade intelectual” (246).

Com o movimento das Cruzadas, que se inicia na segunda metade do século XI, essas condições se tornaram mais precisas. As Cruzadas se constituíram num exemplo característico de que, nem sempre, na história, os efeitos de um determinado acontecimento estão, sempre, em correspondência com as causas que lhe deram origem. As Cruzadas tinham um ideal ou um objetivo religioso; uma série de resultados os mais diferentes — muitos paradoxais — foram atingidos, nunca, porém, o religioso. De fato: pretendiam realizar a unidade da Igreja sob a égide do papado, liquidando com o cisma de 1054, objetivo, portanto, eminentemente internacional; no entanto, embora seja difícil definir a sua relação com a origem do sentimento de nacionalidade, no Ocidente europeu (247), verifica-se que se deu

(243). — *Idem, ibidem, op. cit.*, v. I, p. 425.

(244). — *The Medieval Universities of Europe in the Middle Ages*, v. I, p. 32.

(245). — “I do not ignore the stimulating intellectual effects of political revolutions and social upheavals; but this will not apply to such devastation as was wrought by Danes or Saracens. When an abbey was in constant danger of pillage by Danes or robber-nobles, the monks were not likely to think much about logic or verse-making, though a modern war may interfere but little with professorial studies”. (*Rashdall, op. cit.*, v. I, p. 32, in nota).

(246). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 32. Deve-se acrescentar também entre essas causas pré-existentes a reforma de Cluny: “La réforme monastique favorisa la production littéraire en tant qu'elle amena un ordre meilleur dans les couvents, créant ainsi des conditions propices au travail intellectuel qui allait se développer à partir du XI^e siècle”. (*Schnürer, op. cit.*, v. II, p. 298).

(247). — E. J. Passant, *The Effects of the Crusades upon Western Europe*, in “*Cambridge Medieval History*”, v. V, p. 331.

“um despertar da consciência nacional que causa os contrastes, entre os diferentes povos, participantes dos empreendimentos comuns” (248);

não obtiveram o piedoso desprendimento pelas coisas da terra, e sim, excitaram o apetite para os gozos materiais e o luxo refinado; não fortaleceram a fé, e sim, propiciaram condições para a tolerância e a indiferença religiosas; finalmente — sempre de acôrdo com Nordström (249) — em lugar do espírito de sacrifício e de entusiasmo, elas propiciaram o espírito do lucro, e a tal ponto, que a quarta Cruzada, isto é, o próprio movimento que deveria ser de caráter religioso, não passou de uma

“Cruzada do bom negócio” (250).

Dessa forma, fracassaram as Cruzadas, alcançando resultados que elas nunca pretenderam alcançar. O fracasso, no entanto, de maneira alguma diminui a importância das mesmas, como acontecimento histórico: não alcançaram os seus objetivos, mas se constituíram em poderoso polo em tôrno do qual giraram importantíssimos movimentos da história medieval européia. Um desses movimentos foi o comercial. Pirenne, que procura reduzir a importância das Cruzadas a proporções quase que mínimas (251), colocando-se numa posição, francamente, antagônica a historiadores do século passado (que exageravam a importância do acontecimento o que, no entanto, não justificava a atitude oposta, isto é, a sua minimização) (252), diz que o verda-

(248). — Nordström, *op. cit.*, p. 49.

(249). — *Op. cit.*, p. 49-50.

(250). — Alphandéry, *La Chrétienté et l'Idée de Croisade*, Paris, Éditions Albin Michel, 1959, v. II, p. 243.

(251). — “C'est une chose très caractéristique que l'on puisse expliquer toute la formation de l'Europe sans avoir besoin, une seule fois, de faire intervenir la Croisade, sauf cette exception de l'Italie”. (*Histoire de l'Europe*, p. 143).

(252). — “That eastward adventure of united Christendom which we call the Crusades, the common endeavour of all Europe to recapture the home of its religion and to subdue the rival faith of Mahomet, has naturally exercised a strong fascination over the minds of later ages. With the rediscovery of the Middle Ages in the nineteenth century, with the realisation that, after all, what the rationalism of the eighteenth century had been inclined to regard as a period of static misery was in fact a time of steady and fruitful growth, the crusading movement began to be studied with renewed interest, and the marked development of European civilisation during the two centuries from A.D. 1100 to 1300 was, on the principle of “post hoc, ergo propter hoc”, assigned to its influence. So Michelet and Heeren attribute to it all those changes in Western Europe which make its condition in 1300 so marked a contrast to that of two hundred years before. The rise of the French monarchy, the growth of towns all over Europe, the great increase in international trade, the development of the Universities, the decline of feudalism, the opening up of Asia, the thirteenth-century Renaissance in lite-

deiro resultado das Cruzadas foi o desenvolvimento do comércio marítimo italiano e, a partir dos inícios do século XIII (quarta Cruzada), a constituição do império colonial de Veneza e Gênova no Levante (253). Pois bem, o historiador belga nos dá o elemento básico relacionado com as Cruzadas, isto é, o renascimento do comércio, e que teve precisamente as suas origens nas cidades italianas. A partir da primeira Cruzada todo o Mediterrâneo se abria, ou melhor dizendo, voltava a se abrir à navegação ocidental (254). Logo o movimento comercial, que era, a princípio, monopolizado pelas cidades italianas, se estendia à França e Espanha, onde pontificaram, respectivamente, Marselha e Barcelona (255). Dessa forma, as Cruzadas

“permitiram ao comércio marítimo da Europa ocidental, não apenas monopolizar, em proveito próprio, todo o tráfego desde o Bórforo e Síria até o estreito de Gibraltar, como também, desenvolver uma atividade econômica e, para empregar a palavra exata, capitalista, que devia comunicar-se pouco a pouco, a tôdas as regiões situadas ao norte dos Alpes” (256).

Ora, o renascimento do comércio foi um fato capital na história da Idade Média. Com êle, houve o aumento das comunicações internacionais, provocando benefícios, não apenas no campo econômico, como também no espiritual: se talvez fôr verdade que as Cruzadas,

“no processo da transmissão do pensamento “árabe” à latinidade, têm uma importância muito menor da que antes se lhe atribuía” (257),

ture, philosophy, and art -all this was regarded as due to the stir and movement introduced by the Crusades into a sleeping Europe. If such a view is too facile and enthusiastic, it is perhaps no less difficult to accept the more cynical estimate of the Crusades which would regard them as marauding expeditions disguised by a profession of piety, momentarily successful, but incapable, by their very nature, of leaving a permanent mark upon the West”. (Passant, *op. cit.*, in *Cambridge Medieval History*, v. V. p. 320).

(253). — *Op. cit.*, p. 143.

(254). — Pirenne, *Historia económica y social de la Edad Media*, p. 37.

(255). — *Idem, ibidem*, p. 37.

(256). — *Idem, ibidem*, p. 41.

(257). — Mieli, *Panorama General de Historia de la Ciencia. El Mundo Islámico y el Occidente Medieval Cristiano*, Buenos Aires, Espasa- Calpe Argentina, 1952, 2a. ed., p. 202. Rashdall, contrariamente, atribue às Cruzadas papel cultural de grande significação: “The Crusades brought different parts of Europe into contact with one another and into contact with the new world of the East -with a new religion and a new philosophy, with the Arabic Aristotle, with the Arabic commentators on Aristotle, and eventually even with Aristotle in the original Greek”. (*The Universities of Europe in the Middle Ages*, v. I, p. 32).

no entanto, com elas (referimo-nos às três primeiras), deu-se no Oriente o contacto da civilização cristã com a civilização árabe, a qual, em função da sua superioridade, quer pelos seus elementos árabes propriamente ditos, quer e, principalmente, pelos seus elementos gregos, não podia deixar de causar assombro aos bárbaros invasores (258); sábios que acompanharam os exércitos cristãos — destacaram-se Adelardo de Bath e Estéfano de Pisa — e se interessaram pela cultura árabe, começaram a traduzir algumas obras que ela havia produzido (259); com a intensificação das relações comerciais êsses contactos se tornaram mais freqüentes — agora não mais com guerreiros, e sim com missionários, sábios, comerciantes, etc. — e não apenas com a Síria, mas também com outras regiões de civilização adiantada, como o mundo bizantino, Sicília (onde havia intenso intercâmbio entre as culturas grega, árabe e latina (260), e Espanha, outra área de dominação da cultura árabe; intensificaram-se as traduções, que revelam a existência e a importância de um mundo cultural (ciência greco-árabe) até então desconhecido; o comércio e as relações, da mais variada natureza, inerentes a êle irão se encarregar de disseminá-las pela Europa; na medida em que a civilização européia fôr adquirindo refinamento,

“devido, principalmente, ao contacto com a civilização superior do Oriente” (261),

irá se processando o Renascimento do século XII.

Íntimamente ligado ao renascimento do comércio deu-se também, como já vimos anteriormente, o renascimento das cidades e, com êle, o aparecimento de uma nova classe social, a burguesia. Aliás, no dizer de Nordström, de tôdas as profundas modificações que, do fim do século XI e no decorrer do século XII, se operaram na organização da vida política, espiritual, social e econômica, nenhuma teve, no que se refere ao desenvolvimento ulterior da cultura européia, uma importância comparável àquela, representada pelo desenvolvimento das cidades e a entrada em cena da burguesia (262). Realmente, as cidades se tornam

(258). — Mieli, *op. cit.*, v. II, p. 203.

(259). — *Idem, ibidem*, v. II, p. 203.

(260). — *Idem, ibidem*, v. II, p. 204.

(261). — Schnürer, *op. cit.*, v. II, p. 469.

(262). — *Op. cit.*, p. 50-51; cf. também Bréhier, *op. cit.*, p. 110 e Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 138.

“lugares de concentração, não somente, para a troca internacional de mercadorias, mas também, para as comunicações intelectuais e a discussão de idéias” (263),

e que, como teremos oportunidade de estudar, poderosamente irão repercutir na vida escolar. Nelas surge o burguês, um elemento novo que, com relação às outras classes dirigentes do Estado e da Igreja, isto é, a nobreza e o clero, aspirou possuir um valor próprio e uma cultura independente (264). E a vida urbana lhe era pródiga de oportunidades, antes reservadas ao nobre e ao clérigo: complicando a máquina administrativa do Estado que, de caracteristicamente agrária que era, precisou adaptar-se à da nova vida urbana; laicizando essa mesma administração com a criação de novas escolas,

“as primeiras escolas láicas da Europa, depois do fim da Antigüidade” (265),

o burguês soube criar para si as oportunidades de poder

“melhorar pela educação a sua posição na vida” (266).

Fêz assim o seu aparecimento uma nova classe instruída, duplamente rival do clero: em primeiro lugar, porque este não detém mais, sozinho, o monopólio da instrução, já que esta era para o burguês uma necessidade quotidiana e não um simples luxo intelectual, como acontecia com relação ao nobre (267); e, em segundo lugar, porque ela, adaptando-se melhor, cada vez mais, irá suplantá-lo no controle da administração do Estado. Dessa forma, o aparecimento da burguesia se constituiu num elemento cultural de excepcional importância: não só, porque era um elemento social novo — poderoso em todos os sentidos, econômico, social, político, cultural — e, justamente por isso, um elemento a mais, ao lado do clero, a se deixar sensibilizar e, ao mesmo tempo, propiciar o progresso cultural; como também, porque ela foi a responsável pela eclosão de um espírito laico vigoroso, consciente de si mesmo e que

“vai se elevar para uma contemplação livre e individualista das tradições políticas e religiosas, uma concepção realista do mundo, oposta à concepção clerical e que, com o tempo, marcará, com seu caráter, as diversas formas de cultura” (268).

(263). — Nordström, *op. cit.*, p. 51.

(264). — Dilthey, *Historia de la Pedagogia*, Buenos Aires, Editorial Losada, S.A., 1957, p. 125.

(265). — Pirenne, *Les Villes et les Institutions urbaines*, v. I, p. 430.

(266). — Dilthey, *op. cit.*, p. 126.

(267). — Pirenne, *op. cit.*, v. I, p. 430.

(268). — Nordström, *op. cit.*, p. 52.

Renascimento urbano e Renascimento cultural do século XII: exemplo típico de dois acontecimentos históricos simbióticos, inter-relacionados, a tal ponto, que a explicação de um, se constitui na explicação do outro; elo da simbiose — a burguesia, sobretudo a burguesia comerciante. Deixamos uma civilização agrária, característica de um mundo fechado, voltado para dentro, economicamente dominial, mundo do feudalismo e da “Idade Beneditina”. Penetramos, com o renascimento do comércio, numa civilização urbana, marítima, aberta a tôdas as influências, economicamente monetária, mundo de um poderoso agente transformador da cultura, a burguesia (269), mundo do Renascimento cultural do século XII. Dêsse nôvo mundo, a fim de conservar os seus permanentes resultados, surgirão as Universidades (270). Não vemos assim porque não se deva aceitar a opinião categorizada de Bühler segundo a qual

“as grandes transformações que acusa a vida cultural da Idade Média são sempre o resultado das mudanças que se operam na distribuição das classes sociais” (271).

Das regiões da Europa, duas eram as que mais possuíam condições favoráveis para o desenvolvimento cultural que o século XII registrou: França e Itália, sobretudo a primeira. A França, a partir dos fins do século XI, é um país que conhece a paz, já que terminaram as invasões; alguns dos seus grandes principados eram governados por indivíduos que não só secundaram os esforços da Igreja, na manutenção da paz, como também, encorajaram as letras e as artes; sua Igreja estava regenerada; e seu comércio desenvolvido, ao mesmo tempo que insuflava vida nova às velhas cidades, permitia o contacto do país tanto com o mundo cristão, quanto com o mundo árabe, notadamente a Espanha (272). No dizer de Paetow, a França — especialmente a sua região norte — se tornou o centro dêsse progressivo movimento que assentou as bases da moderna civilização européia e Paris

“estava começando a ser a metrópole da Europa” (273).

(269). — “Depuis de l'apparition de la bourgeoisie, la civilisation semble s'éveiller, se secouer; elle est plus mobile, plus nerveuse. Du VIIe au XIe siècle, c'est partout un mouvement analogue. Quelle variété au contraire depuis le XIe siècle! Le dosage des bourgeoisies diffère de pays à pays, et donne à chacun d'eux un caractère national original, inconnu auparavant. Tous les centres d'activité du monde sont là où la population urbaine se presse: Paris, Lombardie, Toscane, Venise, la Flandre, le Rhin”. (Pirenne, *Histoire de l'Europe*, p. 180).

(270). — Rashdall, *The Medieval Universities*, in “Cambridge Medieval History”, v. VI, p. 559.

(271). — *Op. cit.*, p. 245.

(272). — Génicot, *Les Lignes de Faîte du Moyen Âge*, Tournai Paris, Éditions Casterman, 1951, p. 234.

(273). — *Op. cit.*, p. 411.

Na Itália havia quase que as mesmas condições da França: facilidade de relações com as civilizações estrangeiras, principalmente, por intermédio da Sicília, verdadeira encruzilhada das influências bizantinas e muçulmanas; precoce e vigoroso desenvolvimento urbano; reforma religiosa que reanimou as velhas abadias, criou novas e fortaleceu o Papado, para a sua luta contra o Império. Mas, uma condição favorável faltou à Itália e existiu na França: a calma. Os imperadores alemães, atrelando o país nas suas próprias querelas contra o Papado e contra o Saxe e a Baviera, precipitaram-no em prolongadas e exasperantes lutas intestinas (274). E' bem verdade que essas lutas entre o Papado e o Império, mais ardentes no campo das idéias, do que no dos fatos, se constituíram num fator político que (juntamente com o econômico: desenvolvimento do comércio que trouxe como consequência a multiplicação de processos que o velho direito consuetudinário não tinha previsto; e social: nascimento e desenvolvimento rápido das cidades que suscitaram graves problemas de direito público e privado), impulsionando os estudos jurídicos (275), fizeram da Itália o berço do renascimento do direito romano. No entanto, também não é menos verdade que aquela ausência de paz impediu que a Itália, culturalmente, estivesse no mesmo nível da França, e foi a responsável por uma verdadeira migração, para fora das fronteiras do país, de alguns dos seus expoentes, como por exemplo, Fulberto de Chartres, Lanfranco de Pavia ou de Bec, Anselmo de Aosta ou de Canterbury, Pedro Lombardo, Rogério e muitos outros (276).

Encerremos o Renascimento do século XII, dando um rápido balanço no pêsso da sua densidade cultural. No campo da literatura deu-se tanto um renascimento quanto um nascimento: renascimento da literatura em língua latina e nascimento da literatura em língua popular. O século XII — ou os anos compreendidos entre a última parte do século XI e o início do século XIII, se pretendermos nos ater mais precisamente à opinião de Nordström (277) — representou a grande época da literatura medieval latina: dispunha-se dos mesmos autores latinos que hoje (278), sendo Virgílio, Ovídio e Cícero os mais populares (279); o latim, instrumento dessa literatura,

(274). — Génicot, *op. cit.*, p. 235.

(275). — *Idem, ibidem*, p. 237.

(276). — *Idem, ibidem*, p. 235.

(277). — *Op. cit.*, p. 63.

(278). — *Idem*, p. 59.

(279). — Haskins, *The Renaissance of the twelfth century*, p. 105, apud Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 153-154; Nordström, *op. cit.*, p. 60.

era uma língua universal: vivia a sua última grande época, pois logo irá recuar diante da concorrência das línguas vulgares e se apresentava como meio de expressão, geralmente, muito puro

“a tal ponto que a crítica posterior experimentou, às vezes, algumas dificuldades para distinguir das verdadeiras obras clássicas as produções literárias dessa época” (280);

principal fonte dessa mesma literatura foi o norte da França, partindo de lá as correntes literárias em direção da Inglaterra, Alemanha, países nórdicos e Itália (281); era uma literatura vasta e variada, que representava a expressão das aspirações da época, refletindo todas as faces da vida contemporânea (282); seus principais vultos foram: Hildeberto de Orléans (o Arquipoeta), Adão de São Vitor e Gualtério de Châtillon (283); imerecidamente esquecida por obra do romantismo, em razão do seu preponderante interesse pelas literaturas em língua vulgar (284), a literatura em língua latina é importantíssima: não só era mais importante, quantitativamente do que a literatura em língua vulgar (285), como também porque, segundo afirma Nordström, ela foi a primeira e talvez a mais considerável condição do nascimento da literatura vulgar (286), pois esta não jazia no fundo da alma popular, como erroneamente se acreditava, e era, sim, obra de letrados (287). No século XII também se deu, primeiro na França e depois no resto da Europa ocidental, a eclosão das literaturas nacionais ou em língua vulgar (288). E' nesse sentido de eclosão que dizemos que elas nasceram no século XII, pressupondo-se, logicamente, um trabalho anterior e lento de preparação (289). A eclo-

(280). — Nordström, *op. cit.*, p. 61.

(281). — *Idem, ibidem*, p. 63.

(282). — *Idem, ibidem*, p. 63.

(283). — Pirenne, Cohen, Focillon, *op. cit.*, p. 205 e 227.

(284). — Nordström, *op. cit.*, p. 70.

(285). — “N'est-se par en latin, en effet, que s'exprimeront, durant tout le Moyen Âge, la philosophie, la théologie, la science, l'éloquence, la jurisprudence et, partiellement, le théâtre, la poésie e l'histoire? Il est impossible de connaître l'âme médiévale si l'on fait abstraction de son expression latine, même quand on la juge d'une latinité imparfaite e barbare. De l'oeuvre d'un Cicéron à l'oeuvre latine d'un Dante, d'un Pétrarque ou d'un Érasme, il y a continuité de production”. (Pirenne, Cohen, Focillon, *op. cit.*, p. 204).

(286). — *Op. cit.*, p. 70-72.

(287). — Halphen, *L'Essor de l'Europe*, p. 109.

(288). — *Idem, ibidem*, p. 107-108.

(289). — “Les littératures nationales sont longues à naître, comme les nations elles-mêmes. Le français, en particulier, se dégage malaisément de sa gangue latine. La chrysalide linguistique met des siècles à libérer le papillon”. (Calmette, *L'Élaboration du Monde Moderne*, Paris, Presses Universitaires de France, 1949, 3a. ed., p. 337).

são da literatura nacional se manifestou, quer no seu gênero épico, quer no seu gênero lírico. O gênero épico manifestou uma literatura popular dominada pela história romântica — temas do antigo folclore, da tradição primitiva e recente, e mesmo dos eventos quase contemporâneos, eram contados e recontados com abundantes variações, mais empréstimo mútuo, e com um acréscimo de pura invenção (290) —; quatro ciclos agrupavam, em poesia e prosa, as lendas desse gênero: ciclo de Carlos Magno ou carolíngio, ciclo Arturiano, ciclo de Roma e Alexandre e ciclo Germânico (291); a Canção de Rolando, obra prima que, em torno de 1.100, abre a série magnífica das grandes epopéias medievais (292), fez do ciclo carolíngio o mais famoso de todos. No gênero lírico a grande inovação do século XII foi a formação da poesia provençal e que desempenhou papel determinante, quer no desenvolvimento da poesia lírica francesa do norte, quer na formação da poesia e da literatura italianas e quer no caráter dos *Minnesinger* alemães (293).

No campo da filosofia devemos, antes de mais nada, observar, apoiados em Bréhier, que o século XII foi uma época de pensamento ardente e variado, tumultuoso e também confuso: se de um lado houve um cuidado de sistematização e de unidade e que deu origem a essas espécies de enciclopédias teológicas que eram os livros de Setenças; de outro lado, no entanto, houve uma grande curiosidade de espírito que em certos meios se traduziu tanto por um retôrno ao humanismo antigo, quanto por uma nova atenção para com as ciências do quadrivium; acrescentemos ainda que a Antiguidade, pouco a pouco, foi se revelando por intermédio das traduções dos autores, até então desconhecidos, e que as bibliotecas se enriqueceram (294). Podemos enquadrar o movimento filosófico do século XII em quatro principais direções do espírito, a saber: 1a.) — teólogos, autores de Sentenças, os *sentenciários*, que acumularam e unificaram a tradição cristã; 2a.) — platônicos da escola de Chartres, os *chartrianos*, que eram verdadeiros humanistas; 3a.) — místicos do mosteiro de São Vitor, os *vitorinos*; 4a.) — um movimento panteísta e naturalista, que irá causar inquietação ao poder espiritual, os “*heréticos*”. Mas deve-se observar que também havia os *independentes*, isto é, aqueles que não se deixavam classificar em nenhuma categoria (295).

(290). — Previté-Orton, *The Shorter Cambridge Medieval History*, Cambridge, At The University Press, 1953, v. I, p. 634.

(291). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 634-639.

(292). — Halphen, *op. cit.*, p. 109.

(293). — Pirenne, Cohen, Focillon, *op. cit.*, p. 216.

(294). — *Histoire de la Philosophie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1947, t. I, fasc. III, p. 568.

(295). — *Idem, ibidem*, t. I, fasc. III, p. 568.

Os sentenciários, que no dizer de De Wulf foram principalmente teólogos, e secundariamente filósofos (296), eram os que ensaiavam reunir num só corpo tudo aquilo que tinha relação com a vida cristã, disciplina, fé e costumes (297); frutos não da preocupação filosófica e, sim, da necessidade prática de reunir inúmeros dados esparsos (cânones, decretos, decretais, opiniões dos Padres, regras de moral prática e de vida religiosa), e freqüentemente contraditórios, objetivando a conservação da unidade espiritual da cristandade, surgiram obras que eram verdadeiras codificações do cristianismo (298); seus principais autores foram: Anselmo de Laon (falecido em 1117), Guilherme de Champeaux (1070-1121), Roberto Pullus (falecido em 1150), Roberto de Melun (falecido em 1167) e sobretudo Pedro Lombardo (falecido em 1164), o “mais célebre dos sentenciários” (299); Abelardo com o seu *Sic et non* também pertencia a êsse grupo de codificadores (300); apesar de não ter havido preocupação filosófica, êsse tipo de codificação exigia uma atividade racional: dessa exigência se estabeleceu o método chamado escolástico (301).

Os chartrianos detêm a glória de terem constituído, nas escolas de Chartres, o centro intelectual de maior importância da Europa, no decorrer da primeira metade do século XII (302); e nada

“mais comovente do que os esforços feitos nessa época, no meio chartriano para alargar o horizonte intelectual além de Boécio, de Isidoro e dos Padres” (303).

(296). — *Op. cit.*, v. I, p. 246.

(297). — Bréhier, *op. cit.*, t. I, fasc. III, p. 569.

(298). — *Idem, ibidem*, t. I, fasc. III, p. 569.

(299). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 251.

(300). — Bréhier, *op. cit.*, t. I, fasc., III, p. 570.

(301). — “Ces ouvrages supposent naturellement, on le voit, le travail rationnel sans lequel toute codification est impossible: pour le fond des choses, rien que l'autorité; mais pour établir le sens et la valeur d'une autorité, discussion raisonnée; sur chacun des paragraphes dont se composent les distinction ou chapitres de son livre, Pierre Lombard oppose textes aux textes, le *pro* et le *contra*, et il choisit, non point par des citations, mais en discutant. Ainsi s'établit la méthode dite scolastique, méthode dialectique qui est faite pour juger ou éprouver les opinions, non point pour inventer: l'esprit subtil est non pas celui qui découvre une nouvelle vérité, mais celui qui saisit une concordance ou une contradiction entre des opinions; seule méthode intellectuelle possible en un domaine où la vérité est considérée comme déjà donnée”. (Bréhier, *op. cit.*, t. I, fasc. III, p. 570).

(302). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 323.

(303). — “Il est à remarquer que, contrairement à Abélard qui suit aussi Platon, mais qui le subordonne et veut le faire servir à l'apologétique chrétienne, les platoniciens de Chartres exposent le platonisme comme une philosophie indépendante, sans essayer aucun rapprochement avec le dogme et non sans apporter une certaine fantaisie d'humaniste et un souci du style qui donne à toutes les productions chartraines un saveur bien spéciale”. (Bréhier, *op. cit.*, v. I, fasc. III, p. 574).

Característicos dessa escola: foi nela que se desenvolveu o platonismo (304); embora ocupando posição secundária, Aristóteles era autoridade, e em lógica seu domínio era incontestável (305); cultivo acentuado do *trivium* a tal ponto que a retórica e o estudo dos clássicos latinos eram a condição preliminar obrigatória de toda educação intelectual; finalmente, o *quadrivium* (principalmente a astronomia e as matemáticas), as ciências filosóficas e médicas (familiaridade com Hipócrates e Galeno, e com os tratados de ciência árabe, transmitidos por Constantino, o Africano), eram objeto de fervorosos estudos (306). Destacaram-se como os principais vultos dessa escola: em primeiro lugar devemos citar os iniciadores, isto é, Constantino, o Africano e Adelardo de Bath,

“testemunhas preciosas das relações que começam a se estabelecer entre o Oriente e o Ocidente” (307);

e a seguir Bernardo de Chartres, (chanceler da escola, falecido entre 1124 e 1130): foi o seu primeiro nome importante no âmbito da filosofia (308), ao mesmo tempo que grande gramático, designado por Salisbury como

“a fonte mais esplêndida das letras nos tempos modernos” e “o mais prefeito platônico do nosso século” (309);

Gilberto de la Porrée (1076-1154), discípulo de Bernardo de Chartres: juntamente com Thierry de Chartres, Guilherme de Conches e Abelardo lutou bastante em favor dos estudos desinteressados, contra o chamado partido dos *Cornificientes*; juntamente com Abelardo foi o mais poderoso espírito especulativo do século XII; e se Abelardo conseguiu sobrepujá-lo, no campo da lógica, Gilberto, no entanto, superou-o como metafísico (310); Thierry de Chartres, sucessor de Gilberto como chanceler das escolas, mestre de João de Salisbury, defendeu com tanta obstinação e valor, como seus predecessores o ideal chartiano da cultura clássica (311), chefio em 1130 uma cam-

(304). — Bréhier, *La Philosophie du Moyen Âge*, p. 135.

(305). — “La logique chartraine n'est plus la sèche dialectique du IX^e siècle, mais une étude de la construction du savoir, vivifié par les grands traités de la *logica nova* dont précisément on trouve à Chartres même le premier et le plus large emploi”. (De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 179).

(306). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 179.

(307). — Bréhier, *Histoire de la Philosophie*, t. I, fasc. III, p. 571.

(308). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 323.

(309). — Apud Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 326.

(310). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 327.

(311). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 335.

panha contra os utilitários *Cornificienses* (312); Guilherme de Conches (1080-1154), familiarizou-se com as traduções de Constantino, o Africano, com as teorias fisiológicas de Galeno e Hipócrates, e colocou-as em correlação com o processo do conhecimento sensível (313). Encerrando a série, João de Salisbury (1110-1180) inglês, instruído na França; a

“aparição mais singular, talvez, e a mais típica manifestação dessa cultura tão refinada, dessa especulação tão livre que tendia a desenvolver-se e a se aprofundar em seu próprio benefício” (314);

para êle o filósofo completo não era aquêle que se contentava com um conhecimento teórico, e, sim, o que vivia a doutrina, ao mesmo tempo, que a ensinava: seguir os verdadeiros preceitos que se ensina é filosofar de verdade (315). Encerremos com o estudo dêsse grupo de filósofos, salientando que um estreito parentesco espiritual unia os mestres chartrianos na sua maneira de compreender e resolver os problemas filosóficos (316): e o historiador da filosofia medieval, Bréhier, nos dá uma idéia muito clara dêsse parentesco espiritual, quando afirmando que, em Chartres, era bastante livre a interpretação dos dogmas diz:

“não, que se tratasse aqui de uma filosofia independente da fé; isso não pode ser questão no Ocidente no século XII; mas antes que “a fé procurando a inteligência”,

pode-se dizer que a filosofia dos chartrianos é

“a inteligência em busca da fé, isto é, procurando nos dogmas, em particular naqueles da Trindade e da Criação, os correspondentes das noções platônicas” (317).

O misticismo foi um movimento que se esboçou ligado a uma profunda reforma das ordens monásticas: no século XII, com a reforma de Cister, deu-se mais uma vez o despertar do espírito monástico; para o monge cisterciense a vida espiritual deverá consistir apenas na

(312). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 181.

(313). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 191-192. — “Voici donc que l'intelligence réclame timidement son rôle non plus seulement pour connaître les choses divines, mais pour déterminer la substance de la réalité sensible: on oppose les atomes invisibles aux éléments visibles, le mélange mécanique à la transmutation”. (Bréhier, *op. cit.*, t. I, fasc. III, p. 577).

(314). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 342.

(315). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 346.

(316). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 193.

(317). — La Philosophie du Moyen Âge, p. 138.

“meditação espiritual das verdades fundamentais do cristianismo, graças à qual êle submeterá cada vez melhor sua inteligência e sua vontade” (318);

foi precisamente dessa meditação, desprovida, quase inteiramente, de reflexão crítica, que nasceu o misticismo monástico do século XII (319). Dois foram os focos principais do misticismo monástico, os mosteiros de Claraval e São Vitor, e nêles pontificaram, respectivamente, São Bernardo (1091-1153) e Hugo de São Vitor (1096-1141). São Bernardo de Claraval foi o homem em quem se encarnou o gênio religioso de tôda a sua época (320): homem extraordinário, não foi apenas um fundador de ordem religiosa, um animador da Cruzada, um conselheiro e um justiceiro, mas também um contemplativo de intensa vida interior, que êle descreve e expõe a teoria (321), erigindo-se assim num dos fundadores da mística medieval (322). Hugo de São Vitor foi um espírito vasto e lúcido, que se esforçou para recolher nas suas obras o essencial da vida sagrada e profana, a fim de orientá-las, no sentido da contemplação de Deus e do amor (323), contemplação que,

“no seu mais alto grau, não é senão uma sublimação das virtudes cristãs fundamentais, fé e caridade” (324).

Quanto aos “heréticos”, podemos classificá-los em materialistas, dualistas e panteístas. Os materialistas ensinavam o desaparecimento do *spiritus* humano no momento da morte, e a impossibilidade da ressurreição (325); os dualistas, representados por duas seitas irmãs, dos valdenses e dos albigenses, defendiam um dualismo metafísico e moral: por intermédio de Bizâncio,

“recolheram um *complexus* de idéias orientais, e emprestaram do maniqueísmo a tese dualista da coexistência de Deus, princípio do bem, e de um princípio do mal” (326);

dos panteístas obrigatoriamente devem ser citados dois, Amauri de Bènes (era professor de teologia em Paris, quando morreu entre 1206-1207 e formou vários discípulos, os *amauricianos*), e Daví de

(318). — Bréhier, *Histoire de la Philosophie*, t. I, fasc. III, p. 579.

(319). — *Idem, ibidem*, t. I, fasc. III, p. 579.

(320). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 370.

(321). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 256.

(322). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 370.

(323). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 377-378.

(324). — Bréhier, *Histoire de la Philosophie*, t. I, fasc. III, p. 582.

(325). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 239.

(326). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 239.

Dinant, contemporâneo de Inocêncio III: a filosofia do primeiro, baseada na univocidade do ser, se apresentava como um panteísmo absoluto (327), e o sistema do segundo, de tonalidade assaz diferente do de Amaurí de Bènes (328), era um monismo e um *panteísmo materialista* muito particular (329).

Entre os chamados independentes, e para encerrar o balanço filosófico do século XII, escolhemos o mais significativo, isto é, Abelardo (1079-1142),

“o professor de lógica da Idade Média” (330).

A obra de Abelardo foi dupla: teológica e filosófica (331). O *Sic et non* foi o seu livro mais importante como teólogo: recolhe os testemunhos, aparentemente contraditórios, da Escritura e dos Padres da Igreja, a respeito de um grande número de questões; afirma o princípio de que as autoridades teológicas não devem ser usadas arbitrariamente; segundo Gilson, não escreveu essa obra com a intenção de arruinar o princípio da autoridade, opondo os Padres da Igreja entre si e sim

“que reuniu essas contradições aparentes para suscitar problemas e despertar nos espíritos o afã de resolvê-los” (332);

e também, ainda segundo Gilson, é inexato que Abelardo, comportando-se como um livre pensador, tenha pretendido substituir a autoridade pela razão em matéria de teologia (333), apesar dos seus opositores terem considerado suas opiniões teológicas, como o resumo de todas as grandes heresias (334); o método utilizado por Abelardo nesse livro — cada questão opõe as autoridades que estão a favor às autoridades que estão contra — passar-se-á na sua íntegra para a *Summa theologiae* de São Tomás Aquino (335). Quanto à obra filosófica, a parte mais importante da mesma foi fruto da atividade de Abelardo como professor de lógica (336): em seus escritos mos-

(327). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 240.

(328). — Bréhier, *La Philosophie du Moyen Âge*, p. 208.

(329). — De Wulf, *op. cit.*, v. I, p. 243.

(330). — Vignaux, *La Pensée au Moyen Âge*, Paris, Librairie Armand Colin, 1948, 2a. ed., p. 43.

(331). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 349.

(332). — *Op. cit.*, v. I, p. 349.

(333). — “No quiero ser filósofo contradiciendo a San Pablo -escribia a Eloísa- ni ser un Aristóteles para separarme de Cristo, porque no hay otro nombre bajo el cielo en el que me pueda salvar. La piedra sobre la que he fundado mi conciencia es aquella sobre la que Cristo ha fundado su Iglesia: fundatus enim sum super firmam petram”. (apud Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 350).

(334). — Bréhier, *Histoire de la Philosophie*, t. I, fasc. III, p. 583.

(335). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 350.

(336). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 351.

trava os dotes excepcionais (arte de suscitar as questões filosóficas mais interessantes, clareza na discussão do problema e vigor nas fórmulas da sua solução), que o tornaram professor singular; como todos os professôres de lógica do seu tempo, Abelardo se encontrou com a filosofia a propósito do problema dos universais (337): ao

“realismo então dominante, êle opõe uma doutrina que não é completamente o *nominalismo* do seu mestre Roscelino *Universale est vox* (o universal é apenas uma palavra), mas uma solução aristotélica: *Universale est sermo* (o universal é um conceito), o que quer dizer que a generalização resulta de uma interpretação pelo intellecto do real, a partir do qual Abelardo procede e com o qual êle entende, como verdadeiro francês, ficar em contacto. Sua teoria foi chamada conceptualismo e constitui a solução triunfante do problema que tanto preocupou a Idade Média depois de Boécio e que não é inútil, porque, pensando bem, êle é o problema da realidade do mundo sensível e da realidade das idéias, uma fase da eterna luta entre o materialismo e o idealismo (no sentido filosófico da palavra), a solução de Abelardo representando uma espécie de empirismo assaz semelhante ao empirismo inglês do século XIX” (338);

e a sua obra lógica tem uma grande importância histórica: oferecendo o exemplo de um problema exclusivamente lógico ser discutido e ser resolvido por si mesmo, sem referência alguma à teologia, Abelardo contribuiu poderosamente para restabelecer a lógica como ciência autônoma (339) e que exerceu profunda influência na Idade Média (340).

Renascimento da literatura latina, eclosão das literaturas nacionais, aumento maciço do capital filosófico (341), transformação da teologia (342), esboçar da escolástica (343): tudo isso já seria suficiente para fazer do século XII o ponto de partida para o aparecimento de uma Europa nova, como quer Nordström (344), levando-se

(337). — *Idem, ibidem*, v. I, p. 351.

(338). — Pirenne, Cohen, Focillon, *op. cit.*, p. 203.

(339). — Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 359.

(340). — “Si recordamos el carácter principalmente teológico de la obra de Juan Escoto Erigena, admitiremos sin duda que, desde Boecio, no había aparecido ninguna obra filosófica comparable a la de Abelardo; y si tenemos en cuenta la originalidad de su nominalismo, quizá no vacilemos muchos en sostener esta paradoja: la primera obra en lengua latina donde se han propuesto ideas filosóficas nuevas data del siglo XII después de Jesucristo”. (Gilson, *op. cit.*, v. I, p. 359).

(341). — Paré, Brunet, Tremblay, *op. cit.*, p. 158.

(342). — *Idem, ibidem*, p. 209.

(343). — *Idem, ibidem*, p. 206-209.

(344). — *Op. cit.*, p. 52.

sobretudo em conta as transformações que, nessa época, a tornaram cada vez mais diferente da antiga, melhor dizendo da anterior Europa. No entanto, terminar aqui o balanço cultural do século XII, seria não dar uma idéia completa da sua pujança. Realmente, o Renascimento do século XII teve dois objetos particulares, a ciência greco-árabe e o direito romano. E esse duplo renascimento, científico e jurídico, tem para nós importancia excepcional, conforme teremos oportunidade de verificar no seu devido tempo, confirmando assim a opinião já citada de Gustave Cohen (345), segundo a qual é a difusão da ciência greco-árabe e ao estudo do direito romano que se deve atribuir a constituição das verdadeiras universidades.

(*Continua*).

(345). — Cf. *op. cit.*, p. 27.